

Harmonia e Controle

Texto produzido como requisito para avaliação de 4º Dan realizada em 8 de julho de 2017 pelo Sensei Rodolfo Reolon em Curitiba, Paraná, Brasil.

Maurício Reinert

Nesses oito anos nos quais tenho ministrado treinos de Aikido de maneira regular, um momento dos treinos começou a chamar a minha atenção. Em alguns momentos, em geral naquelas em que a condução do uke se fazia necessária, a primeira palavra que me vinha a mente era controle. É necessário controlar o uke para que ele siga a movimentação que deveria ser realizada. A questão que começou a me inquietar é: se preciso controlar o outro isso não é o contraditório com o conceito de harmonia, fundamento do Aikido? Visto que controle significa impor a minha vontade ao outro, fazer com que o outro faça aquilo que eu quero que ele faça e não realizar a própria vontade, como é possível manter a coerência com a harmonia, a qual pressupõe que haja uma concordância de vontades entre tori e uke. Para tentar dar uma resposta a essa questão vou iniciar pelo conceito de Budo.

Budo significa encerrar um conflito, chegar à paz. Essa paz pode ser alcançada por dois caminhos muito distintos, contraditórios inclusive. O primeiro caminho é pela derrota do inimigo. Em um conflito opto por confrontar meu inimigo e o derroto. Ao subjugar o outro, a paz foi alcançada. Não só em um confronto individual, mas pensando na relação entre diferentes grupos ou nações, essa é uma opção comum, entrar em guerra, lutar, vencer ou perder, e por fim a paz com a derrota de um dos lados. Essa é uma paz que tem as suas consequências. Ela só pode ser mantida com a contínua supressão do outro e das suas vontades. É a escravidão do dominado.

O segundo caminho é o encontrar junto com o outro uma possibilidade para o fim do conflito no qual não exista um derrotado. No qual ambos possam caminhar lado a

lado, de maneira consensual, chegar a um acordo em que, mesmo não sendo exatamente o que uma das partes desejava, o resultado pode representar um ganho para ambos. Aqui a paz é alcançada, todavia não existe um derrotado, ou seja, ninguém subjuga nem é subjugado. As duas vontades não são satisfeitas ao mesmo tempo, mas ambos vislumbram sair do conflito em uma situação não pior do que a que existia antes do conflito, pois suas vontades foram ao menos respeitadas. É a ausência da escravidão.

Essas duas perspectivas do Budo descrevem a distinção entre controle e harmonia. Controle significa encerrar o conflito por meio da vitória sobre o inimigo, é subjugar o outro a minha vontade. É prisão, escravidão do outro. A paz é alcançada e mantida por meio da subtração da liberdade do outro. Já harmonia significa encerrar o conflito por meio da compreensão e respeito mútuo, em que a vontade de ambos é cultivada e cativada. A paz é alcançada e mantida por meio da liberdade. É na relação com o outro e com a manutenção da liberdade do outro que a minha própria liberdade se fortalece.

Nas palavras de Ô Sensei: “você precisa dar felicidade e contentamento ao parceiro” (PERRY, 2005, p.117). E continua “ofereça satisfação; seja compassivo; se fizerem isso, mutuamente, estarão criando harmonia” (PERRY, 2005, p.117). Portanto, controle não é o termo apropriado para se trabalhar no Aikido, pois oferecer felicidade e contentamento ao outro não é coerente com tolher-lhe a liberdade. Controle fica mais próximo da violência, enquanto a harmonia é mais próxima do amor. “O Aikido é o budo do amor” (PERRY, 2005, p.117), dizia Ô Sensei.

Como posso transportar isso para a ação, ou seja, como isso se traduz no dia-a-dia do dojo e da vida? Parece-me que para responder a isso é preciso distinguir dois momentos fundamentais. O primeiro é a prática do treinamento do Aikido, como me comporto e transmito os ensinamentos durante as aulas. O segundo é a minha relação com meus alunos, demais colegas de treino e na minha vida.

No treino, especialmente nas orientações iniciais das técnicas e nas correções com os alunos, a palavra controle não precisa ser utilizada. O objetivo tem que ser a manutenção da relação tori e uke, o tori não controle o uke, mas tori e uke vão ajustando as suas posições até chegar ao final da técnica. A harmonia é

conquistada quando tori e uke puderam juntos realizar o exercício sem que um dos dois se machucasse. Para tanto, a participação do uka precisa ser efetiva, ou seja, o uke deve ir ajustando seu corpo a todo momento, dentro dos seus limites. Uke não deve permanecer passivo, sendo levado, mas sim atuando na construção do movimento. Também não é papel do uke testar o tori na sua movimentação, mas ir reagindo a cada momento a partir da movimentação do tori. Tori e uke devem buscar sua vontade, sua melhor posição, e ir criando uma relação de ajustes mútuos. Essa relação cria a dinâmica da movimentação do Aikido.

A relação tori-uke precisa ser construída a cada passo da movimentação. Essa construção depende dos dois estarem alertas para um para o outro. Sentir o outro, compartilhar as sensações, aprender com o que se sente e respeitar os limites e vontades do companheiro é o caminho para construir a harmonia. Esses princípios devem ser passados a cada movimento, tanto pelo exemplo, como pelas explicações. Ser claro nas intenções que permeiam o treino.

Na vida, a busca dessa harmonia precisa vir do respeito a liberdade do outro e da compreensão de que esse respeito só existe realmente se eu puder aceitar e respeitar o outro no que ele discorda de mim. Aceitar o outro quando ele faz o que eu quero que ele faça não implica nenhuma dificuldade. Concordando não existe confronto, então não existe necessidade em buscar harmonia, ela já está presente. O desafio está em aceitar e respeitar o outro quando discordamos sobre algo. Então o conflito se apresenta e a busca da harmonia se faz necessária. Como na técnica, aqui preciso sentir e respeitar o outro, buscando o ajuste mútuo. Principalmente, respeitando a liberdade do outro em discordar. Albert Camus, em “O Homem Revoltado” critica as revoluções, pois elas querem a mudança, mas instauram logo a seguir o autoritarismo ao tentarem obrigar todos a pensarem da mesma maneira. Já o revoltado busca sempre a manutenção da sua liberdade e da do outro, querendo mudança, mas sem tentar controlar o outro (CAMUS, 2010). Tenho pra mim que Ô Sensei era esse homem revoltado, desejar a paz e transmitir a paz por meio do Aikido era um ato de revolta contra a violência pela qual viveu. Sensei Tamura afirma que Ô Sensei compreendia que cada pessoa tem seu próprio ritmo no processo de aprender Aikido, e esse deve ser respeitado (PERRY, 2005). Entendo que esse diferente ritmo não é só na parte técnica, mas também na compreensão do

Aikido. Portanto, é preciso deixar que as pessoas evoluam, cresçam e se desenvolvam, e escolham seus próprios caminhos.

Nietzsche faz uma crítica dura aos que ele chama de devotos, mas ao mesmo tempo critica aqueles que querem ter devotos. Ser devoto implica abrir mão de sua capacidade de pensar e refletir por si próprio. Querer ter devotos implica retirar dos outros a capacidades deles de refletir, portanto é controla-los, torna-los escravos. Parece-me que Ô Sensei tinha como vontade preservar a liberdade do outro, por isso queria desenvolver uma arte fundamentada no amor. Não há amor maior do que respeitar a liberdade do outro.

É por meio desse respeito que podemos chegar a harmonia. Não me parece que esse seja um caminho fácil e indolor, da mesma maneira, que o tempo que passamos dentro do dojo treinando também não o é. Muitas vezes sairemos doloridos, com hematomas e cicatrizes, mas é esse treino que nos possibilita desenvolver nossas capacidades e técnica. Na vida passaremos por essas mesmas provações, só assim cresceremos. Respeitar a liberdade do outro implica que teremos que refletir sobre a nossa própria liberdade, vontades e desejos, e até que ponto não queremos impô-los aos outros. Buscar a harmonia é o oposto a isso. Aikido é o caminho da paz por meio do amor.

Referências

Camus, A. **O Homem Revoltado**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

NIETZSCHE, F. **Assim Falou Zaratustra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PERRY, S. **Memórias do Grande Mestre**. São Paulo: Editora Pensamento, 2005